



## É DE MENINA OU DE MENINO? GÊNERO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO DA PROFESSORA DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Viviane Drumond<sup>1</sup>

Este texto é um recorte da pesquisa de doutorado em andamento sobre a formação docente para a educação infantil nos cursos de pedagogia<sup>2</sup>. Apresento algumas reflexões acerca da formação da professora de educação infantil em relação às questões de gênero e sexualidade. Busco analisar até que ponto o conceito de gênero é tomado como uma categoria de análise das relações sociais no curso de pedagogia, e se os conceitos de infância, gênero e sexualidade são problematizados na formação da professora de educação infantil.

Para iniciar, apresento alguns episódios do cotidiano de meninas e meninos em creches e pré-escolas<sup>3</sup>. Relato o diálogo entre um menino e sua professora:

*Juan chega correndo com uma máscara na mão e me pergunta: “Tia! É de menina ou de menino?”  
A professora olha para o garoto e para a máscara na mão dele e diz: “Você gostou desta? Então pode usar.”  
(A máscara é rosa choque com brilhos de várias cores)  
Mas em poucos segundos o menino vem novamente com a máscara na mão: “Tia, me diz: essa é de menina ou de menino?”  
A professora para por um momento, parece pensativa.. Então ela argumenta com Juan que ele pode usar a máscara, que ele pode usar a que ele mais gostou..  
Mas o menino quer uma resposta para a sua pergunta: “Tia, dá pra você me dizer se é de menina ou de menino, por favor?”*

Juan, insistentemente pergunta: é de menina ou de menino? Nas creches e pré-escolas, as separações, divisões entre meninas e meninos são muito frequentes. Juan parece ainda não saber identificar se a máscara é de menino ou de menina, mas ele já sabe que existem algumas coisas que são destinadas às meninas e outras que são destinadas aos meninos. Ele sabe que existem normas, regras estabelecidas pelos adultos - ou será que meninos podem usar coisas de menina?

Em outra situação, a professora chega com uma caixa cheia de fantasias e leva para o pátio para as crianças brincarem. Cada criança pegou uma e foi logo vestindo. Carlos pegou a fantasia de borboleta e vestiu. A professora ficou muito preocupada e tentou convencê-lo a trocar de fantasia, mas ele não quis papo e continuou andando - melhor, voando pelo pátio, com suas asas de

---

<sup>1</sup> Doutoranda da Faculdade de Educação na Unicamp. Professora do Curso de Pedagogia na Universidade Federal do Tocantins – UFT. drumond@uft.edu.br

<sup>2</sup> Em atendimento às Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em pedagogia (2006), o curso de Pedagogia passa a formar o docente para atuar nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e na Educação Infantil.

<sup>3</sup> As histórias que constam neste texto foram adaptadas para preservar as privacidades, produzidas a partir do seminário de estágio apresentado pelas alunas e alunos do curso de Pedagogia da Unicamp, nas aulas da Professora Ana Lucia Goulart de Faria, que acompanhei como atividade do curso de doutorado no 2º semestre de 2009. E também de relatos de professoras da educação infantil com quem tive oportunidade de conversar.



borboleta. A professora, muito preocupada - afinal “o que os pais iam pensar”, tentou falar com Carlos mais uma vez; então ele respondeu:

- *Professora, tem borboleta menina e borboleta menino, você não sabe?*

Nas creches e pré-escolas, as crianças reproduzem e transgridem as normas. As transgressões aparecem principalmente nas brincadeiras, quando as crianças ficam mais livres para produzir e criar. Já nas atividades direcionadas pelas professoras, observamos uma visão sexista na organização das rotinas e atividades. A divisão aparece nas filas - para ir ao banheiro, ao parque e ao refeitório; na hora de escolher o ajudante do dia, geralmente uma menina e um menino - a menina conta quantas meninas tem na sala e o menino, quantos meninos; a professora anota na lousa. Ou em uma atividade no pátio em que a professora divide as crianças em grupos de três: três meninas e três meninos e para incentivá-las, grita: “Agora as meninas, vamos meninas!”, “Agora a vez dos meninos; isso, os meninos!”

Algumas pesquisas mostram como a escola educa meninas e meninos de formas distintas. Finco (2003, 2010) analisou as relações de gênero entre meninas e meninos na educação infantil, e observou que o sexo é um critério da organização institucional e do uso dos tempos e espaços. Destacou uma intencionalidade pedagógica com práticas e estratégias de organização caracterizadas por uma disciplina de controle, regulação e normatização dos corpos e dos desejos das crianças, como por exemplo a organização das mesas e as filas de meninas e meninos, que fazem parte desta rotina e apontam como a professora tem expectativas diferentes em relação às meninas e aos meninos.

Moreno (1999), em seu livro *Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola*, ainda que tenha pesquisado crianças maiores, mostra, na escola, a presença do androcentrismo nas atividades diárias e principalmente a discriminação da mulher, do feminino, por meio dos conteúdos escolares nos livros didáticos.

As crianças aprendem desde bem pequenas o que é ser menina ou menino, a diferenciar os papéis femininos e masculinos. Embora sejam crianças pequenas, parece predominar desde a educação infantil uma organização institucional pautada pela heteronormatividade. As crianças são vistas como corpos femininos ou masculinos, que precisam ser diferenciados, rotulados, classificados. A menina precisa ser comportada, obediente, compreensiva, gostar de cor de rosa e de brincar com a Barbie. Já o menino tem que gostar de jogar bola, de correr, subir, pular, brincar de “lutinha”. Se ficar muito parado é problema.



Problematizar as relações entre as crianças e os adultos e discutir como as questões de gênero estão presentes nos currículos dos cursos de formação de professoras é um dos objetivos deste trabalho. Em uma breve análise dos currículos de cursos de pedagogia<sup>4</sup>, observei que estes apresentam no máximo uma disciplina, não obrigatória, que discute gênero e/ou sexualidade. Na maior parte das vezes as disciplinas abordam a sexualidade infantil e a educação ou orientação sexual, mas não discutem as formas de organização do trabalho pedagógico na educação infantil que pode estar contribuindo para a construção de práticas sexistas, hierárquicas e homofóbicas entre meninas e meninos, entre crianças e adultos e entre adultos e adultos

### *Infância e Gênero em Diálogo*

O conceito de gênero, no Brasil, emerge como categoria de análise nos anos 80, a partir dos estudos feministas, como um instrumento teórico para pesquisas nas ciências humanas e na educação. Gênero se refere ao modo como as diferenças sexuais são compreendidas numa dada sociedade, num determinado grupo, em determinado contexto.

Gênero não pretende significar o mesmo que sexo, pois enquanto sexo se refere à identidade biológica de uma pessoa, gênero está ligado à sua constituição social como sujeito masculino e feminino. Tornamo-nos mulheres e homens, meninas e meninos, nos processos discursivos e culturais. Assim, não se trata mais de focalizar apenas as mulheres como objeto de estudo, mas sim os processos de formação de feminilidade e de masculinidade, ou os sujeitos femininos e masculinos. (Louro, 1997)

O próprio conceito traz implícita a idéia de relação e a construção dos gêneros envolvendo o corpo, indicando corpos sexuados desde a infância. A discussão de gênero não está ancorada na polarização do biológico com o social. O caminho é desconstruir os binarismos e evitar esse tipo de polarização, natureza/social. O processo de constituição dos sujeitos não está dissociado dos corpos, uma vez que o gênero é constituído e instituído por múltiplas instâncias e relações de poder, e é nas relações sociais, atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, que os sujeitos vão se construindo como femininos e masculinos. (Foucault, 1988, Fausto-Sterling, 2002, Louro, 2003).

Entender gênero, nesta perspectiva, é buscar entender as relações sociais e culturais que dão sentido à produção de feminilidades e masculinidades. Historicamente, vemos que a diferença foi

---

<sup>4</sup> Realizei, até o momento, uma análise preliminar de projetos de curso de pedagogia de Universidades Públicas Federais que encontrei disponível on-line, com destaque para a disciplina optativa que discute gênero e/ou sexualidade.



tratada como desigualdade. Homens e mulheres são diferentes um do outro, assim como são diferentes entre si, mas tais diferenças foram construídas como desigualdades.

No entanto, exemplos apontam para a construção de uma sociedade mais justa, menos sexista. Nas brincadeiras, as crianças transgridem as convenções sociais quando não são podadas pelos adultos. Os meninos também brincam de boneca, levam o bebê para passear de carrinho; brincam de casinha com as meninas e preparam comidinhas saborosas. Estas situações são cotidianas nas creches e pré-escola, e demonstram que as crianças pequenas ainda não foram totalmente tomadas por uma sociedade heteronormativa, que define um único modelo de feminino e de masculino ou de mulher e de homem, de menina e de menino.

Ao discutir as questões de gênero, podemos questionar a formação docente para a educação infantil. A função de cuidar de crianças pequenas e educá-las tem sido destinada às mulheres, como se o simples fato de serem mães, tias e avós fosse suficiente para credenciá-las ao trabalho com crianças pequenas. No entanto, temos alguns estudos que mostram outras formas de construção cultural do feminino e do masculino, como nas relações entre crianças e adultos, entre meninas e meninos e entre a família e a instituição educativa (Gobbi, 1997, Cruz, 1998, Sayão, 2002). A presença masculina na educação infantil vem questionando o “cuidado” como manifestação exclusivamente feminina. Mas os homens podem ser professores de crianças pequenas ou esta é uma tarefa exclusivamente feminina e cabe apenas às mulheres a função de cuidar de crianças e educá-las? Peterson Rigato da Silva (2006) pesquisou “o homem como professor de pré-escola em Piracicaba”, em seu trabalho de conclusão de curso/Pedagogia. E as palavras do Danilo Russo, um professor italiano de crianças pequenas apaixonado pelo que faz, falam por si: “Não me sinto diminuído como professor, não me sinto infantilizado como pessoa quando passo o máximo possível do meu tempo de trabalho brincando, já que tenho a sorte de que o meu trabalho seja com crianças” (2007 p. 84).

Estabelecer diálogos entre o conceito de gênero e de infância é profícuo para problematizar a formação docente e discutir práticas educativas que respeitem as diferenças e não promovam desigualdades, que respeitem a criança na construção de sua identidade e que favoreçam, desde a primeira infância, relações não sexistas entre meninas e meninos.

Para discutir a infância e a criança, tomo por referência o campo de estudos da sociologia da infância, que apresenta a criança como uma construção social e cultural. Implica em compreender a infância na interação com outras categorias sociais de análise, como classe social, raça, sexo, mobilidade social. Nesta perspectiva o conceito de infância aponta um novo paradigma,



que rompe com uma visão colonialista e adultocêntrica, leva em conta a infância como uma construção social, e vê a criança como ator social e produtora de culturas.

### *Gênero e Sexualidade na Pedagogia da Educação Infantil*

Com o ingresso das mulheres no mercado de trabalho, o movimento feminista elege a creche como uma de suas principais bandeiras de luta, como um dos direitos da mulher, para dividir com a sociedade a responsabilidade pela educação das crianças. Como fala Faria (2006), ao se referir aos direitos das mulheres à creche: “tenho direito de trabalhar, estudar, namorar e ser mãe. Sem creche não poderei curtir todos eles”.

A experiência do convívio das crianças nas primeiras creches levou as pesquisadoras feministas a observarem como são as crianças quando estão fora da família, convivendo com seus pares em espaços educativos coletivos - o que levará, nos anos 80, o próprio movimento feminista a levantar a bandeira da creche como um direito das crianças pequenas e não só de suas mães trabalhadoras. A primeira orientação para a educação das crianças em creches realizada no Brasil foi feita pelo Conselho Nacional dos Direitos da Mulher e pelo Conselho Estadual da Condição Feminina, em um documento denominado “Creche-urgente”<sup>5</sup>.

O feminismo brasileiro vê contemplada na Constituição Federal de 1988 a proposta de creche, que adquire um duplo caráter: o direito da mulher à creche e pré-escola para suas filhas e filhos e a conquista do direito da criança a um aparato educativo, pedagógico e de cuidado extra-familiar como uma medida eficaz de articulação das responsabilidades familiares, ocupacionais e sociais (Rosenberg, 1999 e 2002, Faria 2005, Vianna e Unbehaun, 2006).

A aprovação da LDB, em 1996, define a educação infantil como primeira etapa da educação básica. Também prevê o curso normal a nível médio como formação mínima para o exercício do magistério na primeira etapa da educação básica, e preferencialmente a formação em nível superior, o que acaba colaborando com o incremento da formação de professoras, até então prioritariamente composta por maioria leiga, sem o menor preparo para o exercício da profissão. A concepção de que as mulheres são, por natureza, capazes de cuidar de crianças pequenas e educá-las reforçou os baixos investimentos públicos ou até mesmo a ausência de políticas amplas de formação docente inicial e em serviço além de servir como alibi para o reforço da educação infantil como locus de trabalho feminino voluntário ou mal remunerado (Bruschini e Amado, 1988, Rosenberg, 2002).

---

<sup>5</sup> BRASIL. *Creche Urgente*. Criança, compromisso social. N. 1. Conselho Estadual da Condição Feminina e Conselho Nacional dos direitos da Mulher. Brasília, 1987.



A produção acadêmica que estabelece diálogos entre os conceitos de infância e de gênero vem sendo ampliada nos últimos anos como analisa Faria (2006). No entanto, esta é uma temática ainda pouco discutida nos cursos de formação docente para a educação infantil, como mostrou Silva (2003) e Cruz (2003). As discussões sobre infância e gênero praticamente não são contempladas na formação da professora de educação infantil e, quando estes conceitos são discutidos, não são tratados de forma articulada.

Um primeiro mapeamento dos cursos de pedagogia mostrou que gênero não se constitui em uma categoria de análise nas disciplinas que compõem os currículos dos cursos de pedagogia, e que não são estabelecidos diálogos e intersecções entre infância, gênero e sexualidade. As disciplinas que discutem gênero e sexualidade tomam por foco a educação sexual das crianças e não consideram as relações de poder entre meninas e meninos e entre crianças e adultos.

Que pedagogias têm sido discutidas nos cursos que formam as professoras de crianças? Para a pedagogia da educação infantil, as crianças são portadoras de sexualidades desde a primeira infância. A infância é um tempo de viver experiências infinitas. Na pedagogia das diferenças, meninas e meninos, crianças e adultos e adultos e adultos constroem relações marcadas pelo respeito às diferenças e o convívio com as diversidades.

### *Bibliografia*

BRUSCHINI, Cristina e AMADO, Tina. Estudos sobre mulher e educação: algumas questões sobre o magistério. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo (64): 4-13, fev., 1988; pp. 5-13.

CRUZ, Elisabete F. “Quem leva o nenê e a bolsa?”: o masculino na creche. In: ARILHA, M. RIDENTI, S., MEDRADO, B. (Orgs.). *Homens e masculinidades: outras palavras*. São Paulo: Editora 34, 1998.

\_\_\_\_\_. Educação sexual e educação infantil nos relatos de profissionais que trabalham com a formação de educadoras de creches/pré-escola. *Pro-posições*, vol.14, n.3 (42), set./dez. 2003; pp. 103-117.

FINCO, Daniela. *Educação infantil, espaços de confronto e convívio com as diferenças: Análise das interações entre professoras e meninas e meninos que transgridem as fronteiras de gênero*. 2010; 216p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

\_\_\_\_\_. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. *Pro-posições*, vol.14, n.3 (42), set./dez., 2003; pp. 89-99.

FARIA, Ana Lucia G. de. Pequena infância, educação e gênero: subsídios para um estado da arte. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 26, jan/jun., 2006; pp.279-287.



\_\_\_\_\_. Políticas de regulação, pesquisa e pedagogia na educação infantil, primeira etapa da educação básica. *Educação e Sociedade*. Vol. 26, n. 92, Campinas, out., 2005; pp.1013-1038.

FAUSTO-STERLING, Anne. Dualismos em duelo. *Cadernos Pagu*, Campinas (17/18), 2001/02; pp.9-79.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GOBBI, Márcia Aparecida. *Lápis Vermelho é de mulherzinha: desenho infantil, relações de gênero e educação infantil*. (Dissertação de Mestrado) Faculdade de Educação Unicamp, 1997.

LOURO, Guacira L. *O corpo educado, pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

\_\_\_\_\_. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MORENO, Montserrat. *Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola*. São Paulo: Moderna: Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999.

SAYÃO, Déborah T. Pequenos homens, pequenas mulheres? Meninos, meninas? Algumas questões para pensar as relações entre gênero e infância. *Pro-posições*, vol.14, n.3 (42), set./dez. 2003; pp. 67-87.

RUSSO, Danilo. De como ser professor sem dar aulas na escola da infância. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de. *O coletivo infantil em creches e pré-escolas: falares e saberes*. São Paulo: Cortez, 2007. p. 67-93.

ROSEMBERG, Fulvia. Organizações multilaterais, Estado e políticas de educação infantil. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 115, 2002; p. 25-64.

\_\_\_\_\_. Caminhos cruzados: educação e gênero na produção acadêmica. *Educação e Pesquisa*. vol. 27 no. 1 São Paulo jan./jun., 2001; pp 47-68.

\_\_\_\_\_. Expansão da educação infantil e processos de exclusão. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, n. 107, 1999; p. 7-40.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, n.2, jul./dez, 1995; p.71-99.

SILVA, Anamaria Santana da. *A professora de educação infantil e sua formação universitária*. Tese. (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, 2010.

SILVA, Peterson Rigato da. *O homem professor de pré-escola em Piracicaba*. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

VIANNA, Claudia P. e UNBEHAUM, Sandra. Gênero na educação básica: quem se importa? Uma análise de documentos de políticas públicas no Brasil. *Educação e Sociedade*. Campinas, vol. 27, n.95, maio/ago, 2006; p. 407-428.